

ESTUDOS PROSPECTIVOS PARA A CRIAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA FATEC FRANCA¹

Flávia de Oliveira Salustino Rosa²

Liene Cunha Viana Bittar³

Resumo

Esta pesquisa, no âmbito da Comunicação Empresarial, tem como tema os centros de memória institucionais, que cada vez mais têm sido utilizados como instrumento de criação e fortalecimento da imagem das empresas. O objetivo foi buscar subsídios para planejar a criação de um centro de memória para a Faculdade de Tecnologia Dr Thomaz Novelino. A metodologia utilizada foi a bibliográfica. Os resultados permitiram elaborar o projeto do Centro, que será realizado quando terminar o confinamento determinado pela epidemia de Covid-19. A mídia escolhida para a colocação do acervo é a virtual e será composto de início principalmente por fotografias, entrevistas de História Oral, material documental e jornalístico.

Palavras-chave: Memória Institucional. Fatec Franca. Centro de Memória Virtual. Estudo Bibliográfico.

Abstract

This research has the institutional memory centers as a theme, which have been increasingly used as a tool to create and strengthen the image of companies within the scope of Corporate Communication. The objective was to seek subsidies to plan the creation of a memory center for the College of Technology Dr. Thomaz Novelino. The application used was the bibliographic research. The results made it possible to elaborate the project of the Center, which will be carried out when the lockdown caused by the Covid-19 epidemic ends. The media chosen for placing the collection is the virtual one and will initially consist mainly of photographs, description of Oral History and journalistic material.

Key-words: *Bibliographic study. Fatec Franca. Institutional Memory. Virtual Memory Center.*

1 Introdução

¹ Relatório de pesquisa de Iniciação Científica realizada entre setembro e novembro de 2020 e março e abril de 2021, com bolsa do Centro Paula Souza.

² Graduanda em Gestão da Produção Industrial na Faculdade de Tecnologia Dr Thomaz Novelino Novelino – Franca-SP. Endereço Eletrônico: flaviasalustino@gmail.com.

³ Doutora em Letras, professora da Faculdade de Tecnologia Dr Thomaz Novelino Novelino – Franca-SP. Endereço Eletrônico: liene.bittar@fatec.sp.gov.br.

O tema desta pesquisa, no âmbito da Comunicação Empresarial, são centros de memória institucionais. Um Centro de Memória permite que as pessoas conheçam e valorizem a história da instituição na comunidade e as ajuda a entender a empresa/organização. A necessidade de montar um centro de memória para a Faculdade de Tecnologia Dr Thomaz Novelino levou à pergunta: o que é e como montar um centro de memória de uma instituição de ensino? Pesquisa exploratória inicial revelou uma escassez de material bibliográfico que fornecesse uma resposta que pudesse ser usada como base para a criação do centro.

Assim, este trabalho tem como objetivo realizar os estudos prospectivos para a criação de um Centro de Memória virtual para a Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino. Com esse intuito, buscou-se material literário que pudesse dar aporte a esse trabalho, esclarecendo a respeito da constituição de um centro de memória e orientando as escolhas necessárias para sua montagem.

A pesquisa, que a princípio objetivava a própria montagem do centro, resume-se à sua parte inicial devido à impossibilidade de acesso ao campus ocasionada pela pandemia de Covid-19. As obras utilizadas constituem-se de livros e artigos científicos a respeito da memória institucional e da criação de memória, classificação e arquivamento de documentos. Realizou-se também uma pesquisa virtual em outros Centros de Memória do Centro Paula Souza, entidade mantenedora da Fatec Dr Thomaz Novelino.

A justificativa para a pesquisa é a necessidade de se recuperar a história dos 13 anos da instituição, criando-se uma narrativa que lhe dê sentido, por meio da reunião de fragmentos orais e materiais de sua história.

2 Referencial teórico e trabalhos correlatos

Desde o surgimento do homem, há indícios do desejo de deixar registradas suas memórias - os homens das cavernas desenhavam nas paredes para, assim, conseguir deixar sua marca do que aconteceu ali. Desde então, esses registros vêm se realizando das mais diversas maneiras, oralmente ou por meio da escrita e/ou símbolos gráficos. A memória e o tempo estão interligados e constituem a essência de qualquer grupo social. Os registros dos feitos de uma

sociedade são de fato o que a define dentro do seu tempo, sua importância, suas ideias, e podem corroborar para que decisões venham a alavancar sua evolução e sucesso ou então seu esquecimento, sem essas conexões feitas e conservadas através de registros, a própria existência perde o sentido.

No momento em que recordamos algum fato ou objeto, imediatamente alocamos essa lembrança no tempo e no espaço e as relações que construímos entre todas essas lembranças nos darão o contexto da nossa memória, que permitirá visualizarmos uma situação completa ou parcial. Mas é importante salientar que essa alocação que fazemos é também pautada na memória coletiva, mas como é uma atividade arbitrária, construída e estabelecida por nós mesmos (LOUSADA, 2012, p. 65).

Entretanto, ainda na atualidade o conceito de memória levanta muitas discussões, pois é utilizado por várias áreas do saber. De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2012, p. 514),

a palavra memória refere-se à capacidade de lembrar; recordação de algo passado; dispositivo que pode receber, conservar e restituir dados; relato escrito que alguém faz de acontecimentos históricos vividos por si mesmo ou sobre sua própria vida; memorial.

Aqui se observa a relação da memória como a construção de uma narrativa que dê sentido a um passado cujos fragmentos vão se perdendo ao longo do tempo. Nesse mesmo sentido, segundo Colombo (1991, p. 83), “a memória se define especificamente em função da ordem de colocação temporal dos objetos que recordamos”.

Tanto a memória quanto as histórias não estão isoladas, e sim inseridas em um tempo e espaço determinado, que estabelece redes de relações formando o contexto social do objeto lembrado (LOUSADA, 2012). Esse trabalho de “colocar os objetos em uma ordem temporal” é justamente a função de um centro de memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. (...) A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer (...) que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993, p.9).

Assim, a memória não é apenas individual, mas uma narrativa coletiva, que ao mesmo tempo emana de um grupo e lhe dá identidade.

Barbosa (2010) acredita que as características da atualidade, marcada por competitividade acirrada, além de constantes alterações na política, economia e na sociedade, acentuam a necessidade da busca da identidade, seja coletiva ou individual. É nesse sentido que operam os Centros de Memória, ao criar narrativas que constroem e fortalecem identidades.

Os centros de memória têm sido cada vez mais objeto de desejo das instituições, surgindo tanto como espaços físicos como também em meios virtuais. O centro de memória possibilita às pessoas conhecer e valorizar a história da instituição, proporciona o aprendizado da utilização de diferentes fontes de pesquisa, a identificação dos colaboradores e a construção da história da instituição na comunidade em que está presente.

Para sua criação, é necessária uma curadoria que realizará escolhas de materiais em função de criar uma narrativa que dê sentido àquela instituição. De acordo com Lousada (2012, p. 64):

podemos considerar, em linhas gerais, que a eleição da memória consiste, de fato, em decidir, diante de um conjunto de dados, eventos ou informações, quais devem ser privilegiados e quais podem ser abandonados ao possível cancelamento.

Colombo (1991) busca uma nova definição dos significados dos arquivos nesta nova sociedade, dando ênfase, sobretudo, aos arquivos/documentos eletrônicos. O autor revela a fragilidade que o conceito de memória passou a ter na contemporaneidade. De acordo com Lousada (2012, p. 66):

os arquivos só alcançam suas finalidades relacionadas à memória quando interpretados pelos pesquisadores. Em outras palavras, a organização documental e a produção do conhecimento histórico são operações intrínsecas e precisam proceder integradamente. A seleção documental não deve reproduzir a tendência atual, caracterizada pelo excesso de informação, com os seus efeitos perversos de estagnação, muito mais do que a ação reflexiva.

Nesse mesmo sentido, Lopes (2009 apud LOUSADA, 2012, p. 66) afirma que é “preciso estabelecer uma nítida separação entre o conceito de memória e o conceito de informação registrada para a salvaguarda/preservação dos arquivos, tal qual sejam suas idades, naturezas, proveniências ou suportes”.

Cabe aos Centros de Memória papel diferente daqueles outros segmentos que se assemelham na guarda, conservação, repositório de materiais e documentos, tais como bibliotecas e museus. O papel do Centro de

Memória é dinâmico, sua principal atribuição é a de dar mais valor ao tempo e espaço, é exatamente o lugar onde se apresenta a identidade da organização. O passado e o presente se fundem mostrando a perspectiva de futuro e as necessidades que o tempo trará. O olhar para esse local deve ser imersivo, trazer ao usuário uma sensação de pertencimento, mesmo que transitoriamente de um lugar não lugar, despertar o interesse pela memória externa na qual se mergulha como em busca das experiências que ali foram depositadas.

Com relação à escolha do que faria parte de um Centro de Memória, Lousada (2012, p. 64) afirma que:

podemos estabelecer um campo para o entendimento e reconhecimento dos motivos pelos quais alguns documentos são conservados e, principalmente, os valores atribuídos e as diretrizes institucionais que elegem quais documentos são considerados socialmente relevantes a ponto de se justificar a sua preservação permanente.

Quando uma instituição decide ter seu Centro de Memória, ela deve ter clareza de que, ele deve atender às necessidades dela. Portanto, a construção do CM deve levar em consideração o que a instituição quer preservar e manter sobre a sua história.

Nora (1981 apud MENESES, 1992, p. 31) afirma que:

A memória nas sociedades anteriores à contemporânea era uma memória viva, realizada, experiência internalizada. Entretanto ela vai progressivamente se transformando em uma memória que se dá fora das pessoas, fora da experiência. De ambientes de memória passa-se a lugares de memória. Que lugares de memória são esses? São espaços, coisas, pessoas, instituições, cerimônias, símbolos, etc., que condensam memória. Ela não está mais difusa nas pessoas, mas sintetizada em plataformas precisas e limitadas, os lugares de memória.

Como se afirmou anteriormente, o tema “memória” vem sendo estudado ao longo dos tempos por vários ramos do conhecimento. À parte os estudos fisiológicos, empenhados pela Neurologia, várias outras áreas se interessam pelo tema, como a História, a Linguística, a Filosofia, Sociologia, Antropologia, entre outras e, mais recentemente, a Comunicação Social, em especial suas áreas Organizacional e Marketing. Estas se questionam a respeito de como a memória pode ajudar a criar e a fortalecer a chamada “imagem institucional”, ou seja, como as pessoas “enxergam” a instituição.

A imagem é um aspecto fundamental para a empresa, uma vez que pode colocá-la entre as lembranças do público, em lugar de destaque, ou relegá-la ao esquecimento; pode fazê-lo amá-la ou detestá-la. Em outras palavras, uma imagem forte pode ser colocada entre os maiores bens de uma instituição, uma vez que garante seu lugar na mídia, na lembrança do público e contribui no processo de fidelização deste. Assim, surge o tema da memória institucional, como algo capaz de transformar a história da empresa em algo a seu favor, uma narrativa com a qual os públicos de interesse se identifiquem e pela qual passem a respeitar a empresa.

Worcman (2004 apud BARBOSA, 2010, p. 13) afirma que por memória institucional ou empresarial entende-se o uso que uma empresa faz de sua própria história. Ainda de acordo com a autora, por meio da criação de um Centro de Memória, a instituição “pode constituir um marco referencial a partir do qual as pessoas redescobrem valores e experiências, reforçam vínculos presentes e criam empatia com a trajetória da organização”. Assim, é possível afirmar que a memória institucional está ligada também às diretrizes organizacionais da empresa, auxiliando em sua construção, fortalecimento e vivência no trabalho diário da organização. A memória de uma instituição pode também fazer com que as pessoas (funcionários da empresa ou não) redescubram valores e experiências, além de criar simpatia por ela.

O Centro de Memória (CM) contribui para a divulgação dos valores institucionais, ampliando assim as percepções sobre a história que é formada por todos que pertencem ou já pertenceram à instituição.

Grande parte dos primeiros CMs foram criados a partir da década de 1970, dentro de instituições de ensino, relacionados com as áreas tecnológicas e das ciências. Posteriormente, as áreas de humanas aderiram à ideia de criar e conservar sua memória. Entretanto, foi principalmente a partir dos anos 2000 que os CMs ganharam espaço e repercussão, quando muitas empresas e organizações passaram a investir em memória, inclusive contratando especialistas no assunto. Atualmente, o terceiro setor também incorporou a proposta.

Além de reunir, organizar, identificar, conservar e produzir documentação histórica de uma instituição ou de um evento, o centro de memória deve divulgar

seu acervo ao público, perpetuando imagens, documentos, relatos relacionados que se querem lembrar. Em uma instituição, o centro de memória deve concentrar informações a respeito da história institucional, ajudando na fixação de seus valores e fazendo com que consiga promover e criar novos serviços e produtos. Assim, liga-se ao processo de criação e fortalecimento das diretrizes e da imagem empresarial, constituindo-se em ferramenta de gestão e de marketing.

A partir das recomendações da Unesco (2015) a propósito da necessidade de se conservar a memória institucional, Rueda, Freitas e Valls (2011) afirmam que as instituições

produzem ao longo de sua trajetória uma vasta quantidade de documentos fundamentais para a preservação da Memória Institucional. Essas informações, encontradas em diversos suportes, devem ser reunidas, fazendo-se mais do que necessário a concentração destes acervos, armazenados e organizados corretamente com a finalidade de estarem disponíveis para consulta porque retratam não só as atividades de uma instituição, mas a época em que está inserida, o tempo e o espaço que ocupa na sociedade, facilitando-se assim o entendimento da instituição como um todo (RUEDA; FREITAS; VALLS, 2011, p. 78).

É necessário, portanto, organizar esses documentos, realizar uma seleção que transforme informações dispersas em uma narrativa que possa dar sentido à história que portam; enfim, criar um centro de preservação da memória institucional.

Barbosa (2010), em texto intitulado “O lugar da Memória Institucional em Organizações Complexas”, apresentado no evento IV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, apresenta a Memória Institucional como forma de resistência à efemeridade dos valores e da transitoriedade das relações sociais. Nesse sentido, a Memória pode contribuir para reforçar os elementos não transitórios da identidade institucional, “lugarizando” os sujeitos e estimulando a “compreensão dos aspectos dialógicos da trajetória das organizações” (BARBOSA, 2010, p.1).

A história institucional de uma instituição escolar, ao fazer parte da memória de um local de indivíduos e de um contexto, participaria da “reconstrução de uma cultura escolar” (TEIXEIRA; TAMBARA, 2016, p. 425) constituindo, assim, matéria para a História Cultural. Esta, ao mudar de

perspectiva, “do geral ao particular, tem a intenção de demonstrar as diferenças e as semelhanças existentes nas singularidades de cada objeto de análise” (TEIXEIRA; TAMBARA, 2016, p. 425). Nesse sentido, pode-se afirmar que ocorre um alargamento do conceito de fonte histórica, inserindo-se elementos que anteriormente eram desconsiderados.

Fazem parte das fontes dessa História Cultural a “história da educação, memórias, histórias de vida, livros e cadernos dos alunos, discursos em solenidades, atas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, relatórios, fotografias, etc” (TEIXEIRA; TAMBARA, 2016, p. 425)⁴. Em outras palavras, o particular passa a fazer parte das fontes da história, que de certa forma abre mão de um pouco de uma compreensão objetiva da realidade para poder enxergá-la de forma mais abrangente. Essa é a perspectiva em que se pensa um centro de memória escolar, como parte da História Cultural.

Nesse sentido, um outro dado a ser levado em consideração na composição de um acervo de memória de uma instituição de ensino são os prédios escolares, capazes de refletir a cultura e as memórias da instituição (e como tal são também objeto de estudo da História Cultural). Devem ser observados, na trajetória desses locais, aspectos como: preocupação com beleza, funcionalidade, segurança, possíveis reformas e adaptações, usos, transferências e localização.

Considerando os atuais sistemas telemáticos que podem servir de suporte para a comunicação em tempo real, condensando todas as informações da própria organização, produção de conhecimentos úteis à instituição, a importância do domínio das informações sobre si própria e aspectos epistemológicos, o centro de memória torna-se um vínculo com a sociedade como forma de responder aos anseios e credibilidade nela depositados, uma instituição se torna forte na medida em que é lembrada pela sociedade que a cerca. Sua função social é o que move os gestores na criação e manutenção desses espaços, segundo Nassar (2007), como forma de dar transparência do passado institucional e promessas para o futuro. O centro de memória não deve

⁴ Por Cultura Escolar entende-se um conjunto de normas e práticas por meio da qual se torna possível reconstruir a história de uma instituição.

portanto ser proposto como um marketing para a instituição, pois existem outros meios para isso mas, como se afirmou anteriormente, tem essa função de forma indireta, ao colaborar na construção da imagem institucional.

De acordo com Camargo (2019, *online*), um centro de memória deve conter documentos produzidos pela empresa em seu trabalho diário mas também outros, produzidos pelo próprio Centro, como entrevistas. Estas não são arquivos mas podem ser transformadas em documentos a partir de sua significação pelo CM. “Em resumo, o CM abrigaria todo e qualquer suporte de informação que possa ser útil ao organismo onde está instalado, qualquer que seja seu formato, sua linguagem, sua procedência”.

Definido o material a ser arquivado pelo CM, Camargo (2019, *online*) frisa a questão da necessidade de torná-lo um “instrumento de ação”:

deve ser um órgão que torna disponíveis, de modo imediato, as informações necessárias para o funcionamento da instituição, sejam elas retiradas do arquivo administrativo, de notícias da imprensa, de livros ou artigos publicados ou dos depoimentos de antigos funcionários.

Esses documentos seriam “mecanismos de retaguarda” para as tomadas de decisões da empresa e têm importância na sua instrumentalidade⁵.

Dessa forma, pode-se afirmar que a ideia de CM é flexível, “em construção”, porque esse arquivo pode reunir tudo o que for estratégico para a instituição. Entretanto, Camargo salienta a necessidade de “Mobilização” desse arquivo: “capacidade de extrair da documentação elementos específicos, pontuais, e outros mais genéricos, indicadores de tendências”. Para isso, o procedimento correto seria pegar todas as informações do CM e criar uma base de dados (metadados), mas na impossibilidade de fazê-lo, as empresas optam por digitalizar tudo. “Nos CMs também é necessário, em tempos cada vez mais curtos, sistematizar informações, torná-las inteligíveis e apresentá-las de forma projetiva, apontando tendências”. Assim, poderia ser cumprida a função de um centro de memória: transformar a informação em instrumento de ação para a instituição.

⁵ O documento de arquivo viabiliza e comprova atividades. Assim, os arquivos não são finalidade das instituições, mas meios pelos quais estas “asseguram sua continuidade” (CAMARGO, 2019, *online*).

Quando uma instituição decide criar seu Centro de Memória, ela deve ter clareza de que ele deve atender às suas necessidades. Portanto, a construção do CM deve levar em consideração o que a instituição quer preservar e manter sobre a sua história. Uma opção na criação do CM é o arquivo baseado na história de funcionários e ex-funcionários que ali atuaram ou atuam por um certo período de tempo. Sabe-se que as instituições possuem documentos relatando os acontecimentos passados. Mas, com o passar dos anos, muitas vezes, esses documentos acabam se perdendo e levando com eles um pouco da história daquele local.

Encontramos no Brasil atual já inúmeras empresas/instituições que possuem o Centro de Memória, como o Exército Brasileiro, Banco Itaú, Rede Globo de Televisão, Bunge entre outras. Todas essas instituições possuem um acervo digital para que as pessoas interessadas tenham acesso às informações. O público passou a valorizar a história das empresas/instituições. Essas informações são muito relevantes para a empresa, pois elas mostram às pessoas a solidez da reputação institucional no que diz respeito aos valores e missões ali aplicados.

2.1 Centro de Memória da Fatec Dr Thomaz Novelino

De acordo com essa tendência, as unidades do Centro Paula Souza (Etecs e Fatecs) vêm construindo seus centros de memória - alguns já há décadas. Assim, a criação do centro de memória da Fatec Dr. Thomaz Novelino visa à projeção da instituição no futuro com a função de preservação dos elementos do passado e presente “portadores de sentido e de condutas éticas” (CAMARGO; GOULART, 2015, p. 11). Reporta-se à necessidade de preservação da memória da educação não apenas institucional, mas também do município de Franca e do ensino profissional e tecnológico paulista.

A Faculdade de Tecnologia de Franca está situada em um polo da indústria calçadista. Com implantação no segundo semestre de 2008, a faculdade surgiu com o objetivo de promover a educação profissional pública oferecendo cursos de graduação tecnológica, visando a atender à demanda mercadológica do município. Por meio da Lei 13.475 de 30/03/2009, recebeu o

nome de “Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino”. Portanto, culturalmente, a Fatec Franca carrega a história do precursor dos cursos de tecnologia na cidade de Franca, o que vincula o patrono não somente ao nome, mas ao legado da instituição. A responsabilidade histórica da faculdade com o desenvolvimento tecnológico do município, aliada às memórias que cercam os seus campi (colégio de freiras/Unesp e CEFAM) concorrem também para a importância da preservação dessa identidade, pois trata-se da materialização da caminhada educacional tecnológica local.

Esse espaço virtual⁶ terá como função resgatar acontecimentos, pessoas e documentos que constituem a memória da instituição, devendo atender às comunidades interna e externa. Não se trata de arquivo paralelo aos que já existem na faculdade, com a função de guarda e repositório de documentos, tais como museus, bibliotecas e arquivos. O centro de memória tem como finalidade a revalorização do tempo, lugar e espaço, com capacidade de presumir as necessidades da organização. Sua concepção está entranhada na própria relevância da identidade, é um espaço que se instala em um tempo contínuo e, portanto, carrega em sua essência a identidade da instituição a que se refere.

A construção de um centro de memória virtual implica, inicialmente, na localização, coleta, classificação e arquivamento de documentos (que podem ser livros, artigos, jornais, manuscritos, atas, teses, fotografias, filmes, entrevistas, entre outros materiais). De posse desse material, deve-se construir um site na internet (ligado ao site da Fatec Dr Thomaz Novelino), no qual essas informações a respeito da história da instituição possam ser acessadas por todos os *stakeholders* e utilizadas para estudos, pesquisas e exposições.

Propõe-se, portanto, para o CM da Fatec Franca, a composição de um acervo virtual documental, de objetos e fotografias, inventariados em um banco de dados, além de um espaço para exposição de objetos museológicos, entrevistas em áudio ou vídeo.

⁶ Atualmente, muitas empresas estão investindo em Centros de Memória virtuais. Isso ocorre porque, quando o acervo é virtual, a possibilidade de se atingir um número maior de pessoas é grande. Essas pessoas não precisam ser necessariamente apenas seus colaboradores, mas, sim, qualquer indivíduo interessado na história da empresa/instituição.

Esses materiais a serem coletados se encontram no acervo arquivístico ativo e inativo da escola, além de móveis e objetos que podem estar fora da escola. Alunos, professores e funcionários também podem ser entrevistados:

Nas Secretarias das escolas, encontrou-se a maior parte da documentação: os dossiês de alunos, os livros de matrículas, os livros de ponto, parte da correspondência e as circulares. Documentos mais antigos, em desuso, como os livros de notas, atas de exames, diários de classe, livros de atas da diretoria e/ou das congregações, os estatutos, regimentos e álbuns fotográficos estavam guardados em depósitos localizados em salas fechadas (MORAES, ZAIA, VENDRAMETO, 2005, p.120).

No caso específico da Fatec Franca, unidade que possui apenas pouco mais de uma década de implantação e portanto poucos objetos que possam ser denominados “museológicos”, é importante observar a temporalidade e controlar o descarte de materiais com potencial museológico. O mesmo deve ser observado em relação à baixa de móveis e equipamentos de laboratórios, assim como descarte de projetos desenvolvidos por alunos.

Mesmo que virtual, neste primeiro momento, ainda será necessário que seu acervo seja preservado para uma montagem posterior de um centro de memória físico.

De acordo com Moraes, Zaia e Vendrameto (2005, em estudo sobre os CMs do Centro Paula Souza), é necessário “compreender as práticas escolares, relacionando-as a aspectos geográficos, políticos, econômicos, sociais e culturais de cada região, no decorrer de sua história” (MORAES, ZAIA, VENDRAMETO, 2005, p. 125). Esse pensamento é muito importante quando da seleção de materiais que integrarão o CM, uma vez que esse espaço real e/ou virtual deve ser sempre constituído de acordo com o propósito de compreender a educação e o local onde a instituição se insere. Busca-se, assim, “estimular nos alunos o desenvolvimento da consciência da necessidade de preservação do patrimônio histórico, como forma de preservação de valores fundamentais para sua formação como cidadãos e para o exercício ativo da cidadania” (MORAES, ZAIA, VENDRAMETO, 2005, p.131). Assim, importante também, de acordo com a experiência relatada no artigo, é envolver a comunidade escolar no projeto (alunos e ex-alunos, professores, funcionários).

Os acervos dos centros de memória precisam ser expostos; sua apresentação, evidentemente, será realizada sob uma curadoria (do responsável pelo centro). Será, portanto, uma narrativa construída por um indivíduo, portadora de um recorte selecionado da realidade. Entretanto, deve-se pensar em formas de fazer com que os visitantes construam suas próprias narrativas, ressignifiquem esse acervo, o que pode ser feito com a sugestão de Ferrari (2016): por exemplo, colocando-se objetos e fotografias da atualidade, que fazem parte do mundo cotidiano do visitante, paralelas ao acervo do Centro. Dessa forma, aquele material deixa de ser algo isolado, passando a fazer parte da construção da realidade.

Este trabalho deve ter continuidade até a montagem do site e posteriormente, na curadoria e manutenção do acervo. As atividades a serem desenvolvidas a partir do próximo semestre são:

- Identificar o patrimônio cultural e histórico tangível e intangível.
- Criar o site do Centro de Memórias Fatec Franca.
- Separar e digitalizar o acervo.
- Coletar relatos de professores, diretores, alunos e comunidade (História oral).
- Pesquisar em acervos de publicações de jornais locais sobre a instituição.
- Buscar o local onde a Fatec se instalou no início das atividades.
- Identificar e organizar trabalhos acadêmicos relevantes para a Fatec (tanto de alunos quanto de professores).
- Coletar e catalogar imagens relativas a momentos importantes para a instituição, como TechWeek e outros eventos.
- Monitorar mudanças na instituição, como nas propostas de ensino e cursos RH, GPI e ADS.

No site do CM, com acesso pelo portal da faculdade na internet (<https://site.fatecfranca.edu.br>), serão inicialmente inseridas as seguintes subdivisões:

- - Fotografias (divididas em Professores e Funcionários, Eventos, Salas de Aula, Formaturas, materiais – como livros e documentos)

- - Entrevistas de História Oral, realizadas com alunos, professores e funcionários
- - Os campi (Centro e Vila Imperador, com fotografias e planta).
- - A Fatec Dr Thomaz Novelino na mídia.
- - História da Fatec Dr. Thomaz Novelino.

A concepção e implantação de toda unidade do Centro Paula Souza (ligado à Secretaria do Desenvolvimento de São Paulo) obedece a um estudo a respeito da vocação produtiva regional. Assim, os cursos existentes na Fatec Dr Thomaz Novelino se relacionam com tendências do arranjo produtivo local (desde o primeiro implantado, de Gestão da Produção Industrial). Dessa forma, pode-se afirmar que o Centro de Memória da instituição está ligado, também, à produção regional, sendo parte de sua história. O material produzido para o site deverá ser utilizado posteriormente para exposição em escolas durante feiras de ciências ou mostras de orientação profissional, a fim de ampliar o conhecimento da comunidade externa a respeito da instituição e sua produção científica e tecnológica. Além disso, um Centro de Memória de uma instituição escolar deve revelar a evolução da educação brasileira para que docentes, discentes e demais públicos de interesse passem a refletir criticamente sobre nossa situação.

Refletindo sobre a realidade dos CMs já existentes no Centro Paula Souza (CPS) (MORAES; ZAIA; VENDRAMETO, 2005), revela-se a necessidade tanto de organizá-los para permitir sua mobilidade quanto de divulgação de sua importância não apenas “histórica” (como frequentemente são tomados) mas estratégica para a instituição (CAMARGO, 2019). Muitos gestores do CMs do CPS se queixam da importância secundária relegada ao centro pela instituição, da pouca importância dada ao seu espaço e a seus materiais. Entretanto, esses acervos deveriam guiar procedimentos e decisões institucionais.

A partir do material estudado, algumas ideias que poderiam ser usadas para a divulgação de um Centro de Memória são:

- Participação do Centro em eventos da instituição (como datas comemorativas, aniversário da instituição, eventos científicos, entre outros) e também eventos externos, como a Semana de Museus e eventos do município.

- Realização de exposições físicas na instituição e em outras instituições de ensino da cidade (como o museu municipal), além de eventos como Feiras de Ciências, Feira do Livro, comemoração de aniversário da cidade.
- Envolvimento de alunos no trabalho do museu, por meio de iniciação científica e monitoria.
- Montagem de exposições diversificadas do mesmo acervo.
- Participação dos curadores e alunos de iniciação científica em eventos científicos, com apresentação de trabalhos e publicação.
- No caso da existência de um museu físico, deve ser realizada constante alteração da exposição para que os visitantes se sintam instados a voltar, e também realização de cursos diversos (relacionados à história da instituição, à conservação de documentos, entre outros) dentro do ambiente do museu.

A memória sempre fez parte da vida das pessoas, inclusive, da construção da história. Nas empresas, isso não é diferente. Por isso, quando uma empresa/instituição decide criar o seu Centro de Memórias, ela cria um vínculo com as pessoas/clientes, pois, faz com que eles participem desse processo. Toda empresa/instituição, ao longo de sua existência, cria documentos. Esses documentos são fundamentais para entender suas funções e atividades. É nesse sentido que se deseja que o CM da Fatec Franca atue.

Considerações finais

Mesmo após a construção do site de memória, esse trabalho de coleta, seleção, classificação, arquivamento e curadoria de exposições deve ser contínuo, uma vez que precisam ser pesquisados materiais de épocas anteriores e a instituição cotidianamente continua a produzir novos materiais passíveis de serem integrados ao Centro de Memória.

Inúmeras instituições públicas e privadas contemporâneas montam seus CMs como forma de criar uma identidade para sua marca e assim fortalecê-la e promover a adesão dos *stakeholders* à empresa. As universidades, igualmente, vêm buscando construir suas memórias e colocá-las à disposição de sua comunidade, que assim pode ganhar um sentido de identidade e nelas buscar as bases para sua atuação futura. O centro de memória institucional torna-se um

vínculo com a sociedade como forma de responder aos anseios e credibilidade nela depositados, uma instituição se torna forte à medida que é lembrada pela sociedade que a cerca, sua função social é o que move os gestores na criação e manutenção desses espaços. Assim, o Centro de Memória virtual não serve apenas como um acervo com a história da empresa. Ele também pode ser utilizado em estratégias de marketing, como por exemplo, a valorização de sua marca, criação de vínculos com possíveis clientes, busca de clientes novos, entre outros.

Nesse sentido, a criação de um centro de memória para Fatec Franca vem ao encontro aos anseios de se criar uma identidade para a unidade, sem a qual é impossível determinar projeções para o futuro. Este espaço virtual terá como função atender qualquer segmento dessa instituição com informações relevantes que atendam e envolvam a própria e a comunidade em geral. Nesse sentido só valorizamos de fato aquilo que conhecemos e somente partir do momento que estamos inseridos nesse contexto. A concepção e implantação de toda unidade da Fatec é pautada pela vocação da cidade onde se instala, devido a essa premissa a Fatec Franca foi implantada tendo em vista a integração com as indústrias locais e as histórias dessas também são relevantes na elaboração do projeto. Assim o material produzido para o site deverá ser utilizado posteriormente para exposição em escolas e feiras de ciências ou mostras de orientação profissional. Além disso, um centro de memória de uma instituição escolar deve revelar a evolução da educação para os docentes, discentes e demais públicos de interesse, no sentido de provocar a reflexão crítica sobre nossa situação.

Devido ao isolamento por conta da pandemia de Coronavírus, não foi possível realizar pesquisas no prédio da Fatec Franca, limitando-nos a realizar pesquisa bibliográfica a respeito da concepção de um centro de memória. Esta pesquisa, portanto, deve prosseguir no próximo semestre, com a criação do site e a pesquisa de materiais.

Esta pesquisa atingiu seu objetivo na medida em que serviu de base para a concepção do CM da Fatec Dr Thomaz Novelino, ao permitir a identificação do conceito, da função e de características de um Centro de Memória de uma instituição de ensino.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andréia A. O Lugar da Memória Institucional nas Organizações Complexas. **IV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas** – Abrapcorp, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2_Andreia.pdf. Acesso: 21-12-2019.

_____. **A memória institucional como possibilidade de comunicação organizacional: o caso Exército Brasileiro**. Dissertação Mestrado. Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4398/1/422346.pdf>. Acesso: 20-01-2020.

CAMARGO, Ana Maria Camargo. Centro de Memória: uma definição ainda em construção (Entrevista). **Cadernos SESC de Cidadania**, Memórias, ano 10, n 15, 2019, p. 30.

_____; GOULART, Silvana. **Centros de Memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Sesc, 2015.

COLOMBO, F. **Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo: Perspectiva, 1991

FERRARI, Rozo Elly. Deslocamentos de narrativas visuais: o arquivo fotográfico de Mário de Andrade como construtor do processo conceitual da exposição ID: retratos contemporâneos. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 76-86, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/27958>>. Acesso: 12-11-2020.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 2012.

LOUSADA, Mariana. A evolução epistemológica do conceito de avaliação documental na arquivística e sua importância para a construção da memória. RICI: R. **Ibero-amer**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 63-78, jul./dez. 2012.

MENESES, U. B. de. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal da Cultura/Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

MENEZES, Maria C. A constituição do arquivo escolar em lugar de memória e estudo da escola brasileira. In: **VII Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana**. Anais... Quito, Equador, 2005. CD-Rom.

MORAES, Carmen; ZAIA, Iomar B.; VENDRAMETO, Maria C. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira, **Proposições**, v.16, n.1 (46), jan-abr 2005. P. 120-131. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643758/1273>. Acesso: 8-11-2020.

NASSAR, Paulo. **RP na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações**. São Caetano do Sul-SP: Difusão, 2007

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROUSSEAU, J. I.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória institucional: uma revisão de literatura, **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/64761>. Acesso: 26-03-2021

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Vestígios de uma cultura escolar: os espaços escolares da Escola de Engenharia Industrial (1954-1960), **Cadernos de História da Educação**, v.15, n.1, p.422-442, jan.-abr. 2016 ISSN: 1982-7806 (On Line) DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/che-v15n1-2016-17>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/34644/18378>. Acesso: 20-09-2020.

UNESCO, Recommendation concerning the preservation of, and access to, documentary heritage including in digital form, **The General Conference of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**, Paris, 3 to 18 November 2015, 38th session. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49358&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso: 21-12-2019.